****

**PARA UMA HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA SEM TRÓPICOS: ESBOÇO DE LEITURA FEITO À JANELA**

Nefatalin Gonçalves Neto (UFRPE)

Exercício de pujante força e organização teórica apresenta este novo compêndio de História da Literatura Portuguesa que vem a lume, intitulado sagazmente de [***História Global da Literatura Portuguesa***](https://www.fnac.pt/Historia-Global-da-Literatura-Portuguesa-Annabela-Rita/a12071674), com direção de Annabela Rita, Isabel Ponce de Leão, José Eduardo Franco e Miguel Real e sob chancela da Temas e Debates. O volume faz parte de uma série de maior vulto, intitulada História Global, publicadas pela mesma editora e com coordenação geral de José Eduardo Franco.

A leitura paratextual já indica a relevância do livro: diretores dos mais relevantes no campo dos Estudos Literários em Portugal, cujas atuações e atividades de crítica e pesquisa avultam por todos os meios – são contribuições sobre as dimensões sociais e artísticas que perpassam a formação de qualquer aluno da área de Letras na contemporaneidade. Também impressiva é a Comissão Científica Internacional com personalidades das Letras de referência em Portugal e nos países mais convocados na nexologia intertexual perscrutada na obra (caso de Gilles Lipovetsky, Roger Chartier e o entretanto falecido Vítor Manuel Aguiar e Silva, para dar apenas três exemplos). Correspondendo às expectativas de tal moldura, temos uma cuidadosa edição na qual a precisão e condensamento de ideias e modelos não se confundem com austeridade de conteúdo. Dotados de profunda erudição, os textos que enformam o livro conduzem o leitor à reflexão múltipla sobre modos de ler a literatura portuguesa em perspectiva material, histórica e interativa. Por fim, o termo “global” presente no título traz uma nova informação que engana os mais ingénuos: a tentativa de produzir um livro final sobre uma ideia totalizante de literatura e, em específico, da literatura portuguesa. Nada mais erróneo. Como alertam os diretores,

A história global da literatura portuguesa não tem, pois, um escopo totalizante, mas possibilitante. Tem como fito primordial abrir caminhos novos para explorar uma imensidade de análises que permitirão complexificar o conhecimento e apreender criticamente, de forma mais profunda, a riqueza do campo literário como área por excelência da criação humana e a mais relevadora das múltiplas dimensões da sua condição (INTRODUÇÃO GERAL, p. 22)

Destarte, podemos entender ser ***História Global da Literatura Portuguesa*** um composto plural: enquanto materialidade é um produto que resulta do esforço de mais de 100 autores que se juntaram para ler a trajetória da história literária portuguesa, produto produzido como mercadoria de circulação, resultante de processos técnicos e intelectuais e industriais; mas também é um objeto simbólico, que carrega consigo uma pluralidade de técnicas de análise e interpretação, pressupõe pensamentos abertos, autoria dialógica e que exige do leitor o entendimento de que o seu imaginário (tanto de sujeito que lê este livro em um tempo datado quanto de ser que conhece, estuda ou se interessa pela literatura portuguesa em seu decorrer no tempo) é transitório em perspectiva histórica.

Mas, ainda que tais bases epistémicas sejam o norte da publicação, outras perguntas se interpõem à leitura inicial. Dentre as possíveis, uma se levanta em maior força: distante de uma pretensa negligência para com a história que Portugal teve até o século XIX, o pensamento lusitano português ,nos seus avanços, produziu, atualmente, diversos textos e coleções sobre a História da Literatura Portuguesa, com exemplos de projeção e reconhecimento incontestáveis como a ***História da Literatura Portuguesa*** de Óscar Lopes e António José Saraiva. Ainda que renomado e de alta qualidade, os autores do compêndio supracitado – por atenção às transformações do circuito social e literário português que predominava em seu tempo – assinaram, antes de morrer, documentação autorizando que a cada 10 anos e escrevesse um novo capítulo para seu livro a fim de manter-se a coetaneidade entre o texto e a produção que constantemente surge em Portugal. Sendo assim, perguntar-se-ia o incauto face ao volume nas livrarias: qual o motivo de se escrever uma nova História da Literatura Portuguesa?

Talvez uma das respostas, senão a mais óbvia delas, é a de que a realidade social contemporânea não pode ser negligenciada na construção de fatos culturais, por isso, apesar da sistemática atualização de compêndios como o de Saraiva e Lopes, o modo como lemos o passado e o interpretamos muda, atualiza-se, contemporaneiza-se; os modos como encaramos a História e suas vicissitudes, a postura moral, as compreensões de humanidade, são todos factores que implicam um novo olhar para o passado e podem direcionar a escrita e o conceito dos nossos novos projetos; como já postulara a Estética da recepção, determinada alteração de percepção social altera, também, a condição do produto literário. Daí a necessidade de lermos novamente Camões com outra lente, de reencontrarmos o Barroco com nova chave, de entendermos Eça de Queirós através de um modelo diferencial.

Essa perspectiva epistémica combina-se com a perspectiva de uma visão global da Literatura portuguesa. Que o nome não engane: história “global” não é termo cobiçante de plenitude positivista. O objetivo da História, em diversas vertentes teóricas, foi o de *apenas* descrever com precisão as sociedades sobre as quais se debruçava por meio de crónicas do passado. Entretanto, nesse modelo de produção intelectiva, tanto o conhecimento quanto a categorização de grupos minoritários estavam subordinados aos parâmetros culturais do relator. Em larga escala, os livros de História guiados por tal espírito não souberam explicar diferenças, já que são perspectivados por um modelo harmónico de códigos morais. Deste caudal, surge a ideia de história total e suas variantes, tais como a história da integração global ou mesmo a história das conexões. A resposta para tais deslizamentos determinou o surgimento de perspectivas que se interpusessem a esse projeto de leitura da sociedade em blocos de Estado-nação, tais como a Escola dos *Annales*, a história das mentalidades, os estudos feministas, a “viragem linguística”, os estudos de género e os estudos subalternos. Tais posicionamentos fragilizaram aquele antigo modelo de narrativa e contribuíram para a ascensão de abordagens críticas cuja qualidade diferencial foi a de ler um passado de maneira global.

É justamente pelo conceito de integração e de consciência global que a ideia de entidade cultural única deixou de ser paradigma em favor de diferençasperspectivadas. Longe de códigos morais pretensamente harmónicos, a conduta hermenêutica dos Estudos Globais não pensa as narrativas como totais, antes num modo transnacional – sem a pretensão de completude, mas relacional e autorreflexivo. Há uma mobilização – que implica em um parâmetro ético – que não intenta restituir o pleno, mas parcializar o simbólico para possíveis aberturas e, através delas, promover o surgimento de novos e outros caminhos ainda por serem construídos.

Dessa proposta se constituem os verbetes: bolsões de conhecimento que se formam no cruzamento de ideias em constante interação. Estratificados em forma escrita, elas não se encerram, mas abrem espaço para o leitor, na fluidez das ideias, retornar aquele tema em outros espaços e escritos. Distante da antologia, o conjunto apresenta modos de ler que implicam modelos abertos de pensar e ver a literatura portuguesa. Não apresenta uma raiz que antecede a multiplicidade de leituras, mas um sistema diferenciado, polimorfo, um processo de ligação da multiplicidade por ela. Um modelo epistemológico que valoriza o *agenciamento*[[1]](#footnote-1), tecido feito de múltiplos encontros heterogêneos e disruptivos cujos rastros e sulcos se distanciam da afirmação plena.

O modelo de organização epistémica rizomática não serve como base para a leitura de qualquer História da Literatura – justamente por faltarem aos anteriores esse princípio pensamental norteador –, motivo maior de justificativa para o surgimento deste novo livro. Logo, este novo compêndio não implica negar ou destituir os anteriores, antes juntar-se a eles avançando em espaço aberto para promover um modo novo que não exclui os materiais anteriores, antes os convoca para o grande palco dos debates em torno das temáticas tratadas, bem como de suas *nuances*. Distante de uma “acumulação de propostas e/ou resultados, porventura ainda tributária de pretensões enciclopédicas” (PREFÁCIO, p. 15-16), como afirma Seabra Pereira, os espaços de conhecimento por ele abertos instalam nova malha que ilumina, pela diferença, propostas conceituais.

Assim, o corte crítico estabelecido por sete diferentes idades desvincula a ideia de história progressiva que vai do mais simples e arcaico ao mais complexo e atual em favor de uma modelação nos quais as possibilidades se interligam em malhas texto-conceituais em favor de um projeto dialogal; longe de uma direção, as quebras temporais estabelecem diferenças que se combinam para novos métodos e resultados ou, nas palavras do organizadores, são frágeis fronteiras que devem “ser quebradas pela transversalidade das análises, que podem tornar-se, se os dados empíricos o permitirem, transepocais e transtemáticas” (INTRODUÇÃO GERAL, p. 22). Dessa forma, a opção por uma certa concisão exclui o confuso, descarta o acumulativo prolífico e dispensa a solidificação em favor de uma direção qualitativa, um vetor aberto de percurso e, por fim, implanta um contínuo interpretativo transfronteiriço.

Não obstante a qualidade dos textos já existentes, a ***História Global da Literatura Portuguesa***, num esforço cosmopolita e aberto, mapeia a trajetória da literatura portuguesa num modelo não cansativo, coerente, organizado e de respeito teórico-metodológico pelo conteúdo desenvolvido. As propostas presentes em cada momento-verbete dão-se por meio de uma consciência reflexiva que problematiza as crónicas comummente aceitas sobre o contexto histórico, a vida e a obra dos autores, bem como seus processos estilísticos. Cria-se um repertório de ideias que, sem deixar de ser contemporâneo, não atraiçoa significações outras e nem aquela sua inicial, em seu contexto de enunciação.

Portanto, a leitura realizada pelos autores em hipóteses “de *integração superadora* das respetivas pesquisas heurísticas e elaborações hermenêuticas na nova perspetiva globalitária” (SEABRA PEREIRA, 2024, p. 15)resolve problemas maiores como, por exemplo, a questão da pertença de Gregório de Matos à literatura portuguesa ou à brasileira. Distante da discussão marcante no panorama cultural de fixação dos estudos literários no Brasil, João Adolfo Hansen se limita a informar que Gregório de Matos nasceu na Bahia e foi levado a Portugal com 14 anos de idade. Exceção à regra dominante, o emérito professor coloca como prioridade uma ideia de integração somada à fuga rizomatica de uma origem predeterminada, privilegiando o poderoso enlace do contexto luso-brasileiro (cf. verbete Gregório de Matos e a irreverência criativa). Entre o local e o global, o pesquisador opta por uma postura glocal, mas sem perder o fio da meada que importa ao verbete: o autor e sua produção.A glocalidade amplia-se quando notamos que é impossível ler sobre Gregório de Matos e ignorar o verbete “Poética e poetas maneiristas e barrocos”. Com a ousadia da proposta que circula em todo o livro, Sara Augusto faz uma leitura dos tópicos indiciados no título que completa uma leitura do barroco e da inserção do poeta glocal nesse solo arenoso.

O mesmo poderíamos dizer de qualquer outro verbete do livro: um enfoque dado ao sistémico quando lida a Idade Média, uma heurística que estrutura o Renascimento, um princípio valorativo da pesquisa e não do dado especificado no Iluminismo, a pluralidade de possíveis na chamada “Idade dos Ismos”. Constatamos isso, por exemplo no verbete “Escritoras pós-1990”, de Fabio Mario da Silva. Nele, o pesquisador apresenta um panorama da escrita de autoria feminina em Portugal a partir de 1990, mas ultrapassa as fronteiras temporais demarcatórias para demonstrar aos seus potenciais leitores que é impossível pensar a escrita dessas mulheres de fim de século e início de milénio ao ignorarmos nomes fundamentais como Mariana Alcoforado, Judih Teixeira, Florbela Espanca, Maria Teresa Horta, Lídia Jorge, Agustina Bessa-Luis e o incontornável ***Novas Cartas Portuguesas***. Do micro para o macro, o pesquisador delimita bem seu enfoque, carreia nomes e livros essenciais, mas evita a mera listagem sem fundamentação ou justificativa.

E, se tais questões se apresentam em nomes já incontornáveis como os citados, isso também se dá com autores e temas que, apesar de assumidamente fixados na história da literatura portuguesa, ainda parecem deslocados nos compêndios mais fixos já existentes.É caso de José Saramago ou da literatura infantojuvenil. No verbete sobre Saramago, Miguel Real, em leitura profunda, passa distante de discussões sobre a influência da língua espanhola na escrita do nobelista ou mesmo da possibilidade de uma dupla nacionalidade para livros escritos depois da mudança de Saramago para Tías com Pilar del Río. A amplitude de leituras sem aprisionamento espaço-temporal– uma perspectiva globalitária – investe em uma reconfiguração necessária para o debate de conceitos como literatura, história da literatura, relações artísticas, reescrita literária, literatura e sociedade, dentre tantas outras que se fazem necessárias. Já Carlos Nogueira, no verbete sobre literatura infantojuvenil, se distancia da já ultrapassada discussão sobre a literariedade do produto para se debruçar sobre seus méritos e autores, tais como o espaço de experimentação formal, o processo de conjugação entre imagem e palavra, a questão de mercado, dentre outras.

Entre tradição e transgressão, o ecletismo de perspectivas ao qual se abre ***História Global da Literatura Portuguesa*** intenta ler, em alternância entre escalas micro e macroanalíticas, fenómenos que, por mais marcados que sejam territorial e politicamente, são transculturais. Essa abertura para a leitura de linhas de intensidade que atravessam a cultura localista promove, no livro, um mapa que se expande em diversas direções, cujo pulsar constrói leituras, desconstrói equívocos e promove o crescimento de contingências em favor de matrizes diversas.

1. Crescimento de dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que aumenta suas conexões. [↑](#footnote-ref-1)